

Impressões subjetivas a respeito do programa Rumos 2007

Antonio Hohlfeldt*

A experiência de participar desse júri – Bolsa de Professores de Comunicação – foi bastante positiva, por várias razões: minha indicação pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); o fato de que trabalho com jornalismo cultural há mais de 30 anos e leciono essa disciplina numa faculdade de comunicação; a possibilidade de ler trabalhos que traduzem reflexões e preocupações de colegas da área e, sobretudo, a de avaliar o que se vem produzindo nessa área.

A impressão geral é que a reflexão tem um viés bastante crítico, com um embasamento teórico substancial, mas enfrentamos um problema que até certo ponto é surpreendente, embora tenha sido detectado em todas as demais oportunidades em que participei de seleção de trabalhos em algum congresso que envolvesse a pesquisa em torno do jornalismo: a má – ou a péssima – redação dos autores, descuidados com detalhes desde os mais simples aspectos formais, como pontuação, até aqueles mais conseqüentes, como citação e indicação bibliográfica. Em 2007, fiz a seleção de trabalhos para a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); como coordenador do NP de Jornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), li mais de uma centena de trabalhos enviados àquele núcleo de trabalho; e ajudei a avaliar alguns dos trabalhos enviados ao Congresso da SBPJor, em novembro. O mesmo problema foi detectado em todos eles, problema que aqui se repete, tanto que, na avaliação detalhada dos trabalhos, que segue abaixo, praticamente em todos eles sugerimos revisão e correção do texto. Esse problema, vindo de profissionais que justamente trabalham com o texto e que dependem da própria correção vernacular para a eficiência de sua comunicabilidade, é realmente preocupante.

O programa proposto pelo Itaú Cultural é instigante. Normalmente, o jornalismo cultural, embora seja uma das áreas de maior presença no jornal diário, é quase ignorado, no caso da imprensa, ou tratado como assunto menor, no noticiário televisivo: serve para fechar as edições, como uma espécie de informação de menor significado e mais leve. Aliás, e como alguém observou num dos trabalhos apresentados, nas faculdades de comunicação quase todo jovem estudante gosta de se responsabilizar por matérias referentes ao campo do jornalismo cultural e, nas redações, o *foca* muitas vezes é destacado para a área, como se ela apresentasse menores exigências. São raras as publicações, como o jornal *Folha de S.Paulo*, que fazem exigências complementares ao profissional do setor, como, por exemplo, um curso de especialização ou mesmo de pós-graduação plena,

evitando, assim, aquelas perguntas insípidas sobre início de carreira, ou a total ignorância do entrevistador a respeito do entrevistado etc.

O edital poderia ser complementado, no meu entender, com um único item: uma declaração de próprio punho do autor de cada texto responsabilizando-se pelo ineditismo do mesmo, já que o item consta das exigências mas não prevê qualquer controle sobre o mesmo.

Quanto à aplicabilidade do edital, verifiquei a preocupação do representante do promotor e patrocinador no sentido de que se chegassem aos dez trabalhos. A proposta que fiz inicialmente, de discutir a aplicabilidade plena do edital quanto à apresentação de resumos e palavras-chave nos artigos como critério de desclassificação, não foi levada em conta, até porque se corria o risco de diminuir drasticamente a quantidade de trabalhos participantes. Também o quesito “identificação do autor” não foi seguido à risca: pelo menos três dos trabalhos apresentados permitiam a identificação, por autocitações bibliográficas.

De qualquer maneira, a atuação do júri não foi prejudicada, já que nenhum de seus membros decidiu sob pressão de qualquer um desses dados. O resultado, assim, não está contaminado com nenhuma das questões aqui levantadas, mas, no meu entender, elas devem fazer parte, de qualquer modo, das preocupações futuras de promoção do evento, sob pena de desprestigiá-lo: afinal, como registrei antes, praticamente todos os textos, antes de publicação, precisarão obrigatoriamente de revisão.

Abaixo os comentários sobre os trabalhos, identificados pelo nome do autor:

Adriana Pessatte Azzolino: trata-se de um trabalho interessante, porque aborda uma prática em sala de aula: a utilização das artes plásticas para a sensibilização do aluno. O texto, contudo, não tem muita objetividade teórica e carece de alguma metodologia, inclusive quanto à apresentação.

Nisio Teixeira: o artigo evidencia prática séria de professor, boa organização de prática e de idealização do artigo, com excelente base teórica e objetividade ao tratar do tema.

Isabelle Anchieta: o texto formalmente não é bom, mas seu conteúdo realiza uma excelente revisão histórica sobre o gênero do jornalismo cultural, a que se acrescenta uma revisão teórica sobre o gênero e uma revisão metodológica. O texto não apresenta resumo nem palavras-chave, exigidos pelo regulamento.

Wellington Pereira: o texto apresenta pesquisa muito interessante.

Cida Golin: trata-se de um excelente trabalho sobre jornalismo cultural, ainda que apresente deficiência na utilização das notas indicativas.

Geane Alzamora: excelente texto sobre o tema escolhido, o artigo está muito bem articulado e desenvolvido. Pessoalmente, considero um dos dois melhores textos de todo o conjunto que lemos.

Margareth Marinho: outro excelente texto. Com o anterior, forma o conjunto dos dois melhores trabalhos, em minha avaliação.

Marina Magalhães: texto genérico sobre jornalismo, mas cujas reflexões bem se aplicam ao jornalismo cultural, ao defender um enfoque mais amplo que desenvolve com propriedade, clareza e objetividade. O texto é de boa qualidade.

Aylton Segura: não se trata de um texto diretamente vinculado ao jornalismo cultural e seu aprendizado, mas é um excelente relato de um trabalho em sala de aula com a experiência cultural.

* **Antonio Carlos Hohlfeldt**, representante da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), é doutor em letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na qual leciona, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, as disciplinas Teorias da Comunicação, Leituras em Jornalismo e Comunicação e Opinião Pública. Atua no *Jornal do Comércio* e na Rádio Band News. É autor de diversos ensaios e livros de ficção para jovens e crianças.